

Domingo, 16 de outubro de 1994 — A TRIBUNA

Um dia, talvez

Nair Lacerda

Colaboradora

Certo José, meu amigo, de 15 anos, escreveu, para um trabalho escolar: “Quem sabe algum dia eu chegue lá. Um lugar, bem longe daqui, porém, perto de nada, onde a maior preocupação é viver bem. Um lugar cheio de vida e alegria, onde nada dá errado. Quem sabe algum dia eu consiga chegar lá. Lá onde a noite não chega para esconder tudo com sua escuridão e apaga a alegria que há. Lugar onde o sol nunca se põe, iluminando toda a beleza em redor. Um lugar cheio de amor, com uma paisagem verde e azul, uma terra de ninguém, mas que é de todos. Talvez algum dia eu chegue a esse lugar. Quem sabe”?

À mesa do almoço, li, para a família o trecho acima, pedindo a opinião de cada qual. Uma das senhoras sorriu, dizendo: “é como um israelita, no velho Egito, sonhando com a Terra Prometida”. A outra comentou: “Um grande desejo de paz, de Paraíso, na Terra”. O moço foi desabusado: “Para mim, é alienação total, gesto de evasão, fuga à realidade, medo da vida”. A moça, pensativa, discordou: “Não. Para mim, é procura. Indecisa, vaga, sem rumo, ainda, mas procura”.

Cada qual viu o que viu, sentiu o que sentiu, nas palavras do José. Sua professora anotara, à margem do trabalho: "Muito lírico". Bem. Particularmente, não considero apenas lírico o trecho. Não vejo busca de Paraíso, seja a Terra Prometida, seja o Éden perdido. Não sinto alienação. Estou com a moça: sinto procura. Que procura o meu amigo José? Não sabendo que todos os caminhos estão dentro dele, abertos para o lugar de sonho que também está dentro dele, busca "um lugar bem longe daqui". Vê, a noite enegrecendo tudo quando sofre uma decepção ou tem de abrir mão de um sonho. O sol se ergue e se põe em seu coração, mas ele ainda não sabe disso. E talvez sofra.

Quem nasce dono de excessiva sensibilidade tem de se dedicar toda a existência a disciplinar essa sensibilidade. A fronteira entre a espiritualidade

e a neurose é tênue e invisível, portanto, facilmente transposta. Sentir-se diferente dos que o rodeiam é começo de solidão para o supersensível. Tem anseios que não saberia explicar bem. Tem saudade de coisas que nunca viu, mas que presente. O mundo, som sua rude escola, começa a assustá-lo, e aí é que entra aquele medo, aquele desejo de evasão de que falava o moço comentarista.

O tempo é quem dá o equilíbrio a isso tudo. O velho Cronos toma-o pela mão e vai percorrendo com ele os caminhos da vida. Silenciosamente, transmite-lhe suas lições. O discípulo aprende mais com ele do que com todas as escolas que possa frequentar, com todas as pessoas com as quais possa conviver. Porque é o tempo que o coloca face a face com o cotidiano, com os fatos, com os seres, com as coisas, é ele quem lhe robustece o sentir e cala seu grito de revolta, seu brado de desesperança. Cura, enquanto vai matando, porque o tempo é o próprio paradoxo.

E é preciso, José, que o supersensível, sentindo-se diferente da maioria, não se deixe contaminar pelo vírus perigoso do orgulho, esse demônio que sabe tomar formas tão sutis. Lembre-se de que é, simplesmente, uma alma em busca de afirmação. Para sua professora, um lírico; para os seus, um superdotado. Para o mundo, porém, que terá várias opiniões a seu respeito, tal como conteceu à mesa do almoço em minha casa, tente ser, simplesmente, José. Afeiçãoando à realidade o seu sonho, preservando seu mundo interior, enriquecendo-o e expandindo-o, sem deixar que seu a pés percam o contato com a terra. Lembre-se de que "as águias moram, solitárias, em altos penhascos, mas os pardais proliferam, aos bandos, pelas cidades". Seja águia, de vez em quando, em seus momentos de voluntária solidão; de encontro com você mesmo. Mas saiba ser sempre um alegre e barulhento pardal, feliz entre os outros pardais. Porque também eles talvez gostassem de encontrar uma paisagem toda verde e azul. Apenas, não sabem como encontrá-la, não sabem como procurá-la.